

Comentário

Paula Freitas Ramalho da Silva,¹ São Paulo

Imprecisão, criatividade e implicação no trabalho analítico

*Navigare necesse est,
vivere non est necesse.*

Essa frase, que se tornou conhecida dos falantes de língua portuguesa no livro *Mensagem* (1934/1969), de Fernando Pessoa, foi atribuída por Plutarco ao general romano Pompeu (106 a.C.- 48 a.C.). Ele a teria dirigido a marinheiros que, mesmo prestes a enfrentar uma grande tormenta marítima, deveriam partir para Roma em suas embarcações, levando suprimentos que garantiriam a sobrevivência da metrópole, então profundamente desabastecida.

Ao traduzi-la do latim, Pessoa dá mostras de sua criatividade, substituindo *necessário* por *preciso*:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

“*Navegar é preciso; viver não é preciso*”.

Quero para mim o espírito [d]esta frase,

transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,

ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

(p. 841, grifo meu)

E, assim, passamos a ter a possibilidade de interpretá-la de incontáveis maneiras. O sentido original da frase segue presente, na oposição entre navegação necessária e vida não necessária, mas Pessoa acrescenta os aspectos de precisão daquela, dependente de cálculos e instrumentos, e de imprecisão desta, imprevisível e incerta, enquanto reforça que viver não é apenas existir, ou sobreviver, mas fazer algo maior, criar, mesmo que isso implique perigos, que paradoxalmente ameace a vida, que consuma corpo e alma.

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

No texto “Sem amarras: a clínica com adolescentes nas águas agitadas de Eros”, as autoras lançam mão da metáfora da navegação para refletir sobre a clínica psicanalítica com adolescentes que experimentam dissidências de gênero e de sexualidade, fazendo valiosas considerações que podem ser lidas em diálogo intertextual com a polissemia proposta pelo poeta.

Elas apresentam a vinheta clínica de Leo, partindo de um poema que tanto nos lembra da sexualidade infantil perverso-polimorfa de Freud (1905/2016), e de seus desdobramentos na puberdade e na vida adulta, quanto dá a deixa para refletirem sobre as ideias de psicanalistas e filósofos que têm dialogado com a teoria freudiana debruçando-se sobre os temas sexualidade e gênero (Ayouch, Butler, Goldner, Laplanche, Leite, Posadas, Preciado, Saketopoulou, entre outros). Esse poema, escrito por uma criança que virá a se tornar psicanalista, tem ainda o mérito de jogar luz sobre a construção da subjetividade do/da analista, sua sexualidade, seus processos identificatórios, suas escolhas de objeto e questões de gênero, elementos incontornavelmente presentes numa sala de análise.

Griffin Hansbury, no artigo “King Kong & Goldilocks: imagining trans-masculinities through the trans-trans dyad” (2014), observa que, até aquele momento (ou seja, há pouco mais de 10 anos), muito já se havia escrito sobre as dinâmicas de gênero em situações analíticas nas quais o analista é uma mulher e o paciente é um homem, ou vice-versa; pouco menos fora escrito sobre as dinâmicas entre analista heterossexual e paciente homossexual, e menos ainda sobre as dinâmicas entre analista homossexual e paciente heterossexual. Eram raros os trabalhos que descreviam as experiências subjetivas de analistas cisgêneros com pacientes transgêneros, e não havia trabalhos relatando a dinâmica entre analista transgênero e paciente transgênero. Seu artigo se propunha justamente a apresentar a relação analítica de uma díade trans-trans, sendo ele mesmo um homem trans.

Em determinado momento do texto, Hansbury diz, sobre o trabalho clínico ali descrito: “Não posso dizer que este seja o *jeito trans de trabalhar*, já que se baseia apenas na minha experiência subjetiva, mas é, por estar inelutavelmente ligado ao seu autor, *um jeito transinformado de trabalhar*” (p. 211, grifos meus).

De fato, qual texto não está inelutavelmente ligado ao seu autor? Qual análise não está inelutavelmente ligada ao analista? E ao analisando? E às suas subjetividades? Mais adiante, Hansbury afirma, citando Lewis Aron (1995), ser necessário reconhecer a importância da identidade de gênero e da multiplicidade de gênero em cada um de nós.

O conceito de gênero em psicanálise

Em 1915, Freud acrescenta aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* uma nota em que afirma:

É indispensável compreendermos que os conceitos “masculino” e “feminino”, cujo teor parece tão inequívoco para a opinião geral, estão entre os mais confusos da ciência, podendo ser decompostos em pelo menos três orientações diversas. Emprega-se “masculino” e “feminino” ora no sentido de *atividade e passividade*, ora no sentido *biológico*, e também no *sociológico*. O primeiro desses significados é o essencial, e o mais proveitoso na psicanálise. ... O segundo significado, o biológico, é aquele que permite a definição mais clara. ... O terceiro significado, o sociológico, nasce a partir da observação dos indivíduos masculinos e femininos em sua existência efetiva. Tal observação mostra que, no caso do ser humano, nem no sentido psicológico nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminilidade. Cada pessoa apresenta, isso sim, uma mescla da característica biológica do seu sexo com traços biológicos do outro sexo, e uma combinação de atividade e passividade, tanto na medida em que esses traços de caráter psíquicos dependam dos biológicos como em que sejam independentes. (1905/2016, pp. 139-140)

Apesar de Freud não empregar o termo *gênero* em sua obra, podemos entender, como argumenta Laplanche (2003/2015), que o conceito está presente nas entrelinhas, como no trecho citado. Para o autor, seria pertinente entender *Geschlecht* no texto freudiano como um equivalente, uma vez que, na língua alemã, significa ao mesmo tempo sexo e gênero. Dito isso, Laplanche reforça a opção freudiana por apresentar uma teoria do Sexual (*Sexualtheorie*) – “a descoberta freudiana fundamental”, segundo ele –, e não uma teoria do sexuado ou do gênero (*Geschlechtstheorie*); ao fazê-lo, acena para uma ampliação do campo conceitual psicanalítico sem descartar aquilo que a psicanálise tem de essencial (Alonso, 2016). Voltaremos a Laplanche mais adiante.

A introdução do termo *gênero* na reflexão psicanalítica foi feita por Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista que, em 1968, recorreu a *gender* (gênero), em contraposição a *sex* (sexo), para se referir ao sentimento social de identidade, o “sexo social” feminino ou masculino. Para ele, enquanto o sexo se referiria a características fisioanatômicas e biológicas, o gênero diria respeito a sentimentos, pensamentos, comportamentos e fantasias relacionados à feminilidade e à masculinidade, sem nenhuma ancoragem biológica, podendo inclusive se desenvolver a despeito da biologia.

Interessado em descrever como se daria o desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade de maneira geral, Stoller se dedicou a casos que considerava “distúrbios de gênero”, formulando a ideia de “núcleo da identidade

de gênero”, segundo ele parte central e estável da identidade, associada ao sentimento de ser homem ou mulher.

A partir de Stoller, e por muitos anos, o termo *gênero* passa a se referir à convicção de fazer parte de um de dois grupos sociais – masculino ou feminino –, mais precisamente à “convicção de que a designação a um desses grupos foi correta” (Laplanche, 2003/2015, p. 159).

Mais recentemente, os estudos queer desconstruíram esse conceito de gênero, passando a evidenciar sua dimensão sociopolítica. Judith Butler (1990/2003) introduziu a ideia de *performatividade de gênero*, repetições de gestos, falas e comportamentos que produzem a ilusão de uma identidade de gênero verdadeira e estável. Paul B. Preciado (2008/2018), por sua vez, se referiu ao gênero como uma tecnologia política imposta ao corpo no contexto de um *regime farmacopornográfico*. Ambos os autores lançam aos psicanalistas a tarefa de reconsiderar o que, afinal, entendem por gênero (Porchat & Ofsiany, 2020).

Não acredito que o conceito esteja, nem que em algum momento venha a estar, descrito de maneira definitiva, uma vez que, como mostram as autoras de “Sem amarras”, ao lado de alguns questionamentos para os quais acreditamos ter encontrado respostas, há muitos outros que surgem diariamente na clínica psicanalítica – em especial (mas não só) com pacientes dissidentes da matriz cis-heterossexual – para os quais não temos respostas e, provavelmente, outros com os quais ainda nem nos deparamos.

Laplanche e a reinclusão do inconsciente no conceito de gênero

Isso posto, gostaria de me ater brevemente ao pensamento de Jean Laplanche sobre gênero, uma vez que o autor “está preocupado em pensar de que forma se introduz o conceito de gênero para que venha ampliar a psicanálise preservando seus fundamentos e não para descartá-la ou deixar de lado o seu eixo fundamental: o da sexualidade” (Alonso, 2016, p. 83), movimento com o qual as autoras de “Sem amarras” estão também alinhadas. Elas afirmam: “Caberá a nós ... *encontrar uma nova cartografia, sem abandonar as antigas, mas aceitando seus limites e, inclusive, equívocos*” (grifo meu).

Opondo-se às concepções de estabilidade e aconflituosidade do “núcleo de identidade de gênero” de Stoller, Laplanche repensa o conceito de gênero, incluindo nele elementos caros à psicanálise: inconsciente e conflito. A partir de sua teoria da sedução generalizada, ele apresenta a ideia de *mensagens enigmáticas* conscientes e pré-conscientes, mas atravessadas pelo inconsciente do adulto, que devem ser traduzidas pela criança, numa tarefa impossível. Essa

tradução, afirma, será sempre parcial, engendrando o recalque e deixando um resto não traduzido que forma o inconsciente.

Alonso (2016) ressalta que é justamente a partir desse modelo tradutivo do inconsciente que Laplanche reformula o conceito de gênero, e que, ao fazê-lo, o autor segue algumas premissas: não deixa de fora a sexualidade, inclui o inconsciente, não esquece a temporalidade do a posteriori e evita voltar às divisões corpo-mente, biologia-sociologia.

Assim, para Laplanche:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social.

O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fático/castrado.

O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise.

Proposição: o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo. (2003/2015, p. 173)

“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito [d]esta frase,

transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar. ...

ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Ao reler os versos de Fernando Pessoa, e retornar à intertextualidade com “Sem amarras”, dou-me conta de mais uma possibilidade de leitura: eles evidenciam a *implicação* do poeta, cujo corpo e alma poderão vir a ser a lenha-combustível para o fogo-desejo (de tornar a vida grandiosa). Essa implicação também está presente no vir a ser de Leo – literalmente, na medida em que vai experimentando com e em seu corpo, em sua arte, e construindo sua identidade –, na postura da analista e nas reflexões das autoras, que defendem “uma escuta implicada, capaz de sustentar o estrangeiro e oferecer continência para que o sujeito invente, desenhe, pinte e sonhe seus modos de existir”.

Viver não é preciso

Logo no início da descrição do caso, as autoras apresentam dois elementos que podemos associar à imprecisão do viver: a turbulência experimentada pelo paciente e a questão do tempo, na forma de urgência.

Sabemos que o tempo, em psicanálise, não obedece a uma concepção linear ou única; que o inconsciente é atemporal (Freud, 1915/2010). No entanto, como analistas, muitas vezes somos confrontados com a urgência imposta aos nossos pacientes pelo tempo cronológico – algo bastante recorrente, por exemplo, no caso de adolescentes trans, os quais, ao se aproximarem da puberdade, passam a desenvolver caracteres sexuais secundários, que podem ser experienciados como incongruentes com a sua identidade de gênero, sendo fonte de enorme angústia.

Em “Transgender and analytic countertransference” (2022), texto em que apresenta diversas situações clínicas com pacientes trans, Adrienne Harris fala da dificuldade das questões de ritmo e tempo na contratransferência:

Há razões para fazer transições físicas tão cedo no desenvolvimento quanto elas parecem emergentes. E há razões para avançar lentamente até haver alguma integração e a estrutura psíquica parecer estável. A complexidade do tempo e do timing é muito palpável no surgimento do gênero e da sexualidade. ... Em todas essas situações clínicas, preciso rastrear meus pontos de ambivalência e ansiedade. Há implicações claras quanto à idade e ao ritmo das transições físicas. (pp. 280-282)

Sem perder de vista a realidade que se impõe, os medicamentos disponíveis, as terapias hormonais ou os procedimentos cirúrgicos, Harris chama a atenção para a percepção do ritmo/tempo pelo analista, sublinhando a importância de pensarmos constantemente sobre a contratransferência, em análises de pessoas trans, a partir da compreensão da presença massiva do indefinido, do emergente e do que pode ser coconstruído.

Fazendo um paralelo com Saketopoulou – que em “Thinking psychoanalytic, thinking better: reflections on transgender” (2020) pede aos psicanalistas que permitam a seus pacientes terem curiosidade sobre gênero –, no mesmo texto a autora afirma que a escuta analítica deve seguir o tempo do sujeito, e não o do analista. Harris nos roga que nos tornemos e permaneçamos curiosos sobre o processo de contratransferência, seus medos e excitações inevitáveis.

Transformada a forma

A contratransferência foi tema dos trabalhos que Silvana Rea e Maria Elizabeth Mori apresentaram recentemente no 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, *Sexualidade: o tumulto das diferenças* (2025). Cada uma das autoras partiu de uma situação analítica com paciente dissidente da matriz

cis-heterossexual e explorou questões contratransferenciais presentes nas respectivas análises.

A certa altura de seu texto, Silvana Rea questiona se estaria às voltas com fantasias onipotentes de prever se o paciente se arrepende das mudanças feitas em seu corpo. Mais adiante, fala da importância de tentar rastrear qualquer traço de transfobia que possa vir a surgir na escuta analítica. Maria Elizabeth Mori descreve a atenção aos movimentos do paciente, na análise e na vida, e aos seus próprios, procurando acompanhá-lo naquilo que vai criando e que diz respeito à sua sexualidade.

Ambas analistas implicadas, elas recorrem aos significados possíveis do prefixo *trans* para aprofundar suas reflexões: a associação com a ideia de transição e de transgressão à norma, a origem etimológica no latim *transire* (atravessar). E evidenciam, por caminhos diversos percorridos em cada um de seus textos – e em suas clínicas –, *o que há de trans numa análise*, seja no sentido do “trânsito no jogo transferencial na sala de análise” (Rea, 2025), seja no sentido de “trans como transferência amorosa, passagem, mutação”, de maneira que toda análise seria, “em alguma medida, uma travessia transexual” (Mori, 2025).

Acrescento a estes um sentido algo adaptado da expressão “jeito transformado de trabalhar” analiticamente, de Hansbury (2014): um jeito inelutavelmente ligado ao paciente, ao analista – mais uma vez implicado – e ao encontro analítico, uma vez que se reconheça a coexistência da fixidez e da fluidez, da identidade de gênero e da multiplicidade de gênero em cada um, algo que, de acordo com Aron (1995), está intimamente associado à nossa capacidade criativa.

O que é necessário é criar

Os processos através dos quais a subjetividade (seus aspectos relacionados à sexualidade e ao gênero) é construída não são dados. Não há caminho a ser seguido a priori, mas possibilidades tão complexas quanto criativas. Há enigmas impossíveis a serem resolvidos.

Comentando o conceito de gênero em Laplanche, Butler demonstra a dimensão da tarefa:

O gênero surge, desde cedo, como um enigma para a criança e também como uma demanda que tem como alvo a criança. Portanto, a pergunta pode muito bem não ser “De que gênero eu sou?”, mas sim “O que o gênero quer de mim?”, ou ainda “Qual desejo está sendo realizado por meio da atribuição de gênero que recebi e como posso responder?”.

Um enigma é, obviamente, um quebra-cabeça ou um paradoxo, mas também uma charada a ser resolvida. *Para Laplanche, a natureza do enigma primário é precisamente ser insolúvel. E, nesse sentido, o gênero também é insolúvel. ...*

Por isso, posso imaginar um conjunto diferente de perguntas intrigantes surgindo para a criança: “O que meus pais querem de mim quando me chamam de menina?”. Ser “chamada” de menina não é uma operação simples; isso nunca acontece apenas uma vez. É um “chamado” que é repetido e fortalecido por vários meios institucionais, mas, como aponta Laplanche, há mais coisas nesse chamado do que qualquer criança pode entender. E eu acrescentaria: há mais do que pode ser entendido por qualquer sujeito em qualquer momento de sua vida. De fato, o chamado é, por definição, avassalador, carregando mais desejos e fantasias do que seu portador pode saber ou seu receptor pode decifrar. Nosso encontro primário com o gênero, então, assume a forma de “O que o gênero quer de mim?” ou, de forma equivalente, “*O que é esse ruído perpétuo que chamamos de gênero, uma demanda sobre mim que não posso conhecer e à qual não tenho chance de responder adequadamente?*”. (2014, pp. 129-130, grifos meus)

Leo parece estar às voltas com essa pergunta. Sua criatividade se expressa, ao tentar respondê-la, tanto de maneira mais sutil, quando se dedica à construção – incerta, turbulenta – de uma realidade subjetiva viável para si, quanto de maneira mais concreta, por meio de sua produção artística, do alfabeto secreto que inventa, da sua lista de desejos, do uso do sutuã. A analista o acompanha, percebendo seus movimentos, dando a ele – a eles – espaço e tempo. Angustia-se, teme por ele e pelo trabalho da dupla, passa em revista sua contratransferência, permite-se descobrir que “a travessia a bordo do *Sem Amarras* é uma experiência de trans(forma)ações. É poder pensar de forma livre, e ao mesmo tempo consistente, acolher o que a clínica nos exige, a cultura nos apresenta e os corpos nos pedem”.

Para que o trabalho psicanalítico não se transforme numa prática normativa, patologizante, desconectada, é necessário que façamos constantes incursões em nossos conceitos de base e os confrontemos com os movimentos sócio-históricos, que aceitemos os desafios lançados pelos questionamentos de outras áreas do saber, que possamos aprender com o outro, com nossos pacientes, que sejamos criativos, sob pena de ficarmos presos a teses não sustentáveis na contemporaneidade e vermos a psicanálise perder sua credibilidade (Ceccarelli, 2017).

Ou, ainda, é necessário reconhecer os aspectos impreciso e criativo do trabalho psicanalítico e nos implicar com eles, sob pena de nos consumirmos, fechados em nós mesmos, irresponsivos às demandas contemporâneas.

Referências

- Alonso, S. L. (2016). O conceito de gênero retrabalhado no marco da teoria da sedução generalizada. *Percurso*, 56-57, 81-90.
- Aron, L. (1995). The internalized primal scene. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(2), 195-237.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Butler, J. (2014). Seduction, gender and the drive. In J. Fletcher & N. Ray (Eds.), *Seductions and enigmas: cultural readings with Laplanche* (pp. 118-133). Lawrence & Wishart.
- Ceccarelli, P. R. (2017). Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de Psicanálise*, 48, 135-146.
- Freud, S. (2010). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 99-150). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Hansbury, G. (2014). King Kong & Goldilocks: imagining transmasculinities through the trans-trans dyad. *Psychoanalytic Dialogues*, 21(2), 210-220.
- Harris, A. (2022). Transgender and analytic countertransference. *The Psychoanalytic Review*, 19(3), 277-286.
- Laplanche, J. (2015). O gênero, o sexo e o Sexual. In J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano* (V. Dresch & M. Marques, Trans., pp. 154-189). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2003)
- Mori, M. E. (2025). [Apresentação de trabalho]. 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, Gramado, RS, Brasil.
- Pessoa, F. (1969). Mensagem. In F. Pessoa, *Obra poética*. Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1934)
- Porchat, P. & Ofsiany, M. C. (2020). Quem habita o corpo trans? *Revista Estudos Feministas*, 28(1), e57698.
- Preciado, P. B. (2018). *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (M. P. G. Ribeiro, Trad.). N-1. (Trabalho original publicado em 2008)
- Rea, S. M. (2025). [Apresentação de trabalho]. 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, Gramado, RS, Brasil.
- Saketopoulou, A. (2020). Thinking psychoanalytic, thinking better: reflections on transgender. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(5), 1019-1030.
- Stoller, R. (1968). *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. Science House.

Recebido em 11/11/2025, aceito em 18/11/2025